

# CALEIDOSCÓPIO DA POÉTICA DE NÚBIA MARQUES<sup>1</sup>

## KALEIDOSCOPE OF THE POETIC OF NUBIA MARQUES

Maria Leônia Garcia Costa Carvalho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, trazemos um panorama da poética de Núbia Marques, escritora sergipana que se impôs como um dos grandes nomes da literatura feminina. Foi de indiscutível relevo para o movimento feminista em Sergipe, não só pelo calor e obstinação de suas atitudes, como por seu talento e sensibilidade estética. Atuou nas letras sergipanas como poeta, ficcionista (romance, conto, crônica) e ensaísta, apresentando um painel vivo e cambiante de sua obra que, como um caleidoscópio, reflete imagens e arranjos variados em seu interior, apontando sua envergadura e sensibilidade, o que lhe rendeu uma cadeira na Academia Sergipana de Letras. Núbia revela uma visão de mundo globalizadora, crítica e libertária. Como poeta, faz reflexões de conteúdo intimista e pessoal; como romancista, numa trilogia (*Berço de angústia* (1967), *O passo de Estefânia* (1980) e *O sonho e a sina* (1992), “cristaliza e consome a vivência da mulher do século XX, seja de Sergipe, seja do Brasil”).

**Palavras-chave:** Núbia Marques. Literatura feminina. Prosa e poesia sergipana.

**ABSTRACT:** In this article, we bring an overview of the poetic of Nubia Marques, a writer from Sergipe who has established herself as one of the great names of female literature. She was of unquestionable importance for the feminist movement in Sergipe, not only for the warmth and obstinacy of her attitudes, but also for her talent and aesthetic sensibility. She acted in Sergipe's lyrics as poet, fictionist (novel, short story, chronicle) and essayist, presenting a lively and changing panel of her work that, like a kaleidoscope, reflects varied images and arrangements within, pointing its size and sensitivity, which gave her a seat at the Sergipana Academy of Letters. Nubia reveals a globalizing, critical and libertarian worldview. As a poet, she makes reflections of intimate and personal content, full of creative rapture. As a novelist, in a trilogy (*Cradle of Anguish* (1967), *The step of Estefânia* (1980) and *The Dream and the Fate* (1992), “crystallizes and consumes the experience of twentieth-century women, whether from Sergipe or Brazil”).

**Keywords:** Nubia Marques. Female literature. Sergipe's prose and poetry.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 14 de agosto de 2019 e aceito para publicação em 21 de novembro de 2019.

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela UFAL, Profa., de Literatura Portuguesa e do programa de Pós-graduação em Letras da UFS, líder do Grupo de Pesquisa Estudo da Linguagem e Ensino.



Quem já visualizou um caleidoscópio, deve lembrar do efeito que ele nos causa ao apreciá-lo. Por fora, praticamente nada nos revela, apenas um objeto simples como outro qualquer que não nos chama tanta atenção; por dentro, no entanto, a cada movimento nosso, reflete imagens prodigiosas, combinações variadas e multicoloridas, decorrentes do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados e vidros coloridos existentes em seu interior. É essa a impressão que temos ao conhecer a obra de Núbia Marques, escritora sergipana do século XX, professora da Universidade Federal de Sergipe, que, em verso e prosa, explorou várias facetas do ser humano, enxergando-o para além das contingências sociais, dos estigmas de sexo, condição social, cor, aparência, crenças, e de outras questões tão presentes na sociedade de classe em que vivia. Núbia, como ninguém, soube, através do seu olhar perscrutador, refletir em sua obra não só essa pluralidade e diversidade social tão rica e admirável, como o interior do ser humano com toda a reverberação de sentimentos que o compõem.

Faz-se mister, neste momento, trazer à tona, a vida e obra de uma escritora que, como muitas outras, não tem o merecido relevo na literatura brasileira, uma vez que são utilizados critérios minoritários e elitistas de valoração de autores e obras. Segundo Rosa Gens:

Vivemos , dentro do movimento de cultura, uma reorganização da história literária, em que cai por terra o sentido de uma noção fossilizada do que vem a ser a literatura, e novos conceitos vêm imprimir sua força, em que o passado se imprime no presente e permite rever critérios de valoração de autoras(es), e obras. Dentro desse trajeto, a crítica feminista ganha especial relevo, por seu papel de recaminho de obras e autoras esquecidas ou negligenciadas pelas instâncias de glorificação (2019, p. 163).

Partido do princípio de que, nos dias atuais, os critérios para valorização de uma obra e para sua perpetuação valem-se de diferentes modos de pensar, resguardados por um momento restaurado de valoração do estético diferente, e com o firme propósito de rever e revigorar as obras de Núbia Marques, é que trazemos à baila, neste artigo, uma visão panorâmica de sua obra, iniciando por uma concisa biografia da autora.

Nascida em Aracaju (SE) a 21 de setembro de 1927, Núbia Nascimento Marques iniciou sua carreira literária desde cedo, escrevendo



poemas (não publicados) já aos 14 anos de idade. Aos 20 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, então capital da República, onde cursou Belas Artes e trabalhou na Revista Seleções do Reader's Digest. Em 1948, frequentou a Sociedade Brasileira de Artes Plásticas. Ao voltar para Sergipe, exerceu o magistério na Escola Normal Rui Barbosa, como professora de Português e Literatura. Formou-se depois em Serviço Social na Universidade Federal de Sergipe, passando então a trabalhar nesta área e, inclusive, tornando-se docente dessa instituição ao assumir a cadeira de Serviço Social e comunidade. Cursou mestrado na PUC -SP.

Na docência, Núbia desenvolveu estudos e pesquisas em comunidades de mulheres trabalhadoras. Durante três anos, dedicou-se à vida de pescadoras de sururu em Sergipe, comprometendo-se com questões sociais e, sobretudo, com a condição subalterna e socialmente desamparada da mulher. Em decorrência de seus estudos e investigações, publicou, em 1983, a monografia "Mulheres X Cultura de Subsistência" trabalho apresentado na SBPC (1984) e no II Congresso Mundial de Mulheres Migrantes (Portugal, 1995). Em 1978, ocupou a cadeira de nº 34 da Academia Sergipana de Letras tornando-se a primeira mulher a fazer parte do Sodalício. Foi também Secretária de Cultura, muito contribuindo para o desenvolvimento cultural do estado. Como escritora, teve inúmeras publicações em verso e prosa, abrangendo, nesta última, várias áreas (ensaios, romances, crônicas e contos).

Ao nos voltarmos à pessoa de Núbia Marques, faz-se mister, neste momento, referir-nos à professora, assistente social, ativista política e escritora de envergadura e seriedade, consciente do seu dever histórico de afirmação da mulher, cuja área de atuação na literatura foi bastante frutífera, seja como poeta e ficcionista, seja como ensaísta. Núbia teve aberta participação e um papel de extrema importância para o movimento feminista em Sergipe, pela ousadia e obstinação que conferia a suas atitudes, associadas à sua aptidão e sensibilidade estética, cuja obra reflete, em seu alcance, o amadurecimento intelectual e o conhecimento vivo e intenso da mulher sergipana.

Em quaisquer das áreas pelas quais incursionou no mundo das letras, revelou a autora uma visão de mundo global e libertária. Tanto a mulher, quanto a docente, a assistente social evidenciaram um firme espírito de luta, acertada rebeldia e, sobretudo, inesgotável resistência. Foi



militante política lutando pelos direitos humanos e pela liberdade de expressão; atuou com paixão em comunidades periféricas e carentes, defendeu os direitos femininos e a igualdade entre os gêneros, bem como participou do movimento de Anistia Política em Sergipe, junto com outras mulheres, durante o Regime Militar no Brasil e o das Diretas Já, no ano de 1985.

Como escritora profícua que foi, valeu-se de ensaios para desenvolver pesquisas, avaliar e propor questões relativas à educação e à cultura em Sergipe; escreveu romances para denunciar e criticar a sofrida realidade das mulheres, dos trabalhadores, da população carente, expondo a alienação e o sofrimento por que passava o povo sergipano mais pobre e, por extensão, o povo brasileiro. Em suas poesias, demonstrou rara sensibilidade, buscou inovações na forma e no conteúdo ajustando-se às novas tendências estéticas e expressando todo o seu potencial artístico e literário.

### Núbia e a poesia

Em seu discurso de posse da cadeira 34 na Academia Sergipana de Letras, Núbia lança algumas palavras fazendo um apelo aos poetas para humanizarem os homens através da poesia:

Vamos, poeta, humanizar o homem. Só um homem pode humanizar outro. Acreditando como nós no desempenho da poesia, em nós, partir de nós, depois de nós, sobretudo em todos os homens, alvo de nossa preocupação. Poeta não é apenas o que faz poesia, mas todos que a sentem. Poeta é o homem ser complexo e belo, contraditório, amedrontado, com a consciência plena da sua fragilidade, a transitoriedade. Mesmo assim, descansará na eternidade, sustentado pelos braços invisíveis do século. Poeta tem nas musas a poesia, mas eu falo de mulheres que não são musas, nem têm poesia (1982).

O chamamento feita aos poetas com o fim de tomarem para si a responsabilidade pela humanização de outros homens não deixa de se constituir um apelo profundo ao ser. Se o “poeta são todos os homens que sentem a poesia”, por que motivo teria ele de assumir este encargo? Seria ele diferente dos demais? Para Núbia, poeta seria o homem “complexo e



belo, contraditório, amedrontado”, consciente de sua fragilidade, a transitoriedade. Seria isto, então, por si só, a composição do ‘ser poeta’?

Otávio Paz, em seu livro “*A outra voz*” ao refletir sobre o ato de escrever poemas diz que é a mais ambígua das ocupações, “Um que-*hacer*, e um mistério, um passatempo e um sacramento, um ofício e uma paixão” (2001, p. 5). Nota-se, em suas palavras, essa complexidade e contradição presentes no ofício, mas ele se refere em especial ao ato de escrever poemas. E quem não escreve pode ser considerado poeta? Cremos que Núbia quis referir-se a um poeta em potencial, aquele que mesmo não escrevendo poemas, têm em si, por um lado, um sentimento profundo de plenitude, de amor à vida e aos demais seres, e por outro, uma inquietude essencial e contraditória, decorrente, sobretudo, de sua fragilidade humana e da fugacidade da vida. Seu apelo, portanto, se fez não só aos que escrevem poesias, mas àqueles que são potencialmente poetas.

Esse sentimento de consciência da condição humana e a necessidade de fazer algo pelo mundo, pelos outros, principalmente os carentes tanto no plano socioeconômico quanto no psicológico, sempre esteve presente na vida e na obra de Núbia que, além de poeta, queria que a poesia tivesse uma função social, exercesse um papel relevante para a humanidade. E isto está presente em suas palavras: “Poeta tem nas musas a poesia, mas eu falo de mulheres que não são musas, nem têm poesia”, refletindo justamente sua preferência pelas mulheres sofridas, carentes, sem perspectivas.

Como poeta, Núbia Marques teve como primeiro livro *Um ponto e duas divergentes*, publicado em 1959, que contém poemas de momentos diversos, que vão desde 1947 a 1956, harmonizando-se esteticamente, segundo o escritor Jackson da Silva Lima (1978), à geração do modernismo de 45 (pelo uso de odes, baladas e elegias). Em discurso proferido em ocasião de sua posse na Academia Sergipana de Letras, Núbia explicou o motivo de ter-se voltado à poesia:

Concretamente, o motivo de ter-me voltado para a poesia, eu, que até então me dedicava mais especificamente à pintura, foi a morte de meu primeiro filho, Valério, que hoje completa 24 anos de morto. O sofrimento advindo de sua ausência e a profunda mágoa de sua viagem para o além, fez surgir





Sergipe, para publicarem seus poemas em conjunto. A parceria foi bem-sucedida, sendo o livro lançado em Salvador e Aracaju, com repercussão na imprensa de ambas as cidades, o que promoveu uma maior visibilidade de poetisas mulheres. Em *Máquinas e lírios* (1971), a escrita refletiu as mudanças do fim da década de 1960, quando o confronto entre o avanço da tecnologia e as paisagens remetem ao tempo passado.

E assim, vão surgindo outras publicações e parcerias: *Geometria do Abandono* (1975), *Verde outono* (1983) e *Palavra de mulher* (1979), antologia coletiva, essas duas últimas contaram com a participação de Gizelda de Moraes e Carmelita Pinto Fontes. *Todo caminho é um enigma* (1989), escrito em comemoração aos dez anos da publicação da antologia de poesia feminina brasileira *Palavra de Mulher*, faz uma alusão à importância atribuída ao livro daquela época e às autoras que nele escreveram e contribuíram para a divulgação da escrita feminina. Seu último livro de poesias, *Poemas Transatlânticos* (1997), foi escrito e publicado em Portugal, em uma temporada em que Núbia usufruiu no país desenvolvendo estudos e pesquisas na área do folclore.

A sucessão de obras publicadas denota o amadurecimento poético a que chega Núbia, ganhando a poeta, cada vez mais, relevância pelas inovações na forma e no conteúdo, aproximando-se ao que a autora chamou “de cores e dimensões artísticas novas”. Em seguida, comentaremos alguns de seus poemas, na tentativa de levar aos leitores um conhecimento mais amplo de suas produções. O poema abaixo, *Necrose*, recebeu o prêmio Jorge de Lima, no II Festival de Verão de Marechal Deodoro em Alagoas em 1972.

#### NECROSE

*Morri tantas vezes em ti  
que nem me apercebi da necrose  
os túmulos de flores insepultas  
eram risos de infância dilacerada  
trêmulos risos girassóis outonais*

*Morri tantas vezes em ti  
que nem me apercebi da necrose  
a noite que sempre precede ao nada  
tinha as calcinadas expressões de desamparo  
E a única árvore abrigo  
era a despedida árvore intangível*



*Morri tantas vezes em ti  
que nem me apercebi da necrose  
os ventos que embalavam os cemitérios  
nem tinham o balanço das brisas silenciosas  
nem eram a ventania alucinada  
mas os ventos lentos que ninam a morte.*

*Morri tantas vezes em ti  
que nem me apercebi da necrose  
e a desvairada busca do amor  
era o réquiem eterno do desencontro.*

*(Geometria do Abandono, 1975, p.57)*

A produção poética de Núbia apresenta temas que são constantes em sua obra, como a morte em vida, a busca incessante do amor que sempre termina em desilusão e desencontro. A palavra 'necrose', em seu sentido original, significa degeneração gradual do corpo em decorrência de algum fator físico; no caso do poema acima, no entanto, o título nos remete a outro tipo de degradação, a dos sentimentos, da alma que se deteriora, que morre aos poucos na procura ansiosa e inútil pelo amor. Suas palavras refletem a desilusão, o desalento íntimo, provocado pelo desencontro com o ser amoroso. O sentido da morte lenta está presente também na degradação da vida que é sugerida por meio das expressões: 'flores insepultas', 'infância dilacerada', 'girassóis outonais', 'ventos lentos que ninam a morte', dentre outras.

#### *TACTO*

*Meu tacto tateia-tonal no teu corpo  
Traumáticas-transidas lembranças  
Tentando contacto intacto  
Tonteia-tensa-terna  
Na epiderme medonha carne  
Táctil-corpo-dúctil-argamassa*

*Tenaz tentativa encontro  
Transitando corpo-espaco  
Tento ativa  
Atenta segurança braço-aço  
Titubeio entre seio-anseio  
Trágica, nevrálgica pálida-pele  
Bipartindo- patético- pasmos  
Plasmados-armados-magoados*

*(Geometria do Abandono, 1975, p.25)*



O poema acima, em seu título, já nos remete ao sentido do tato que, diferentemente de todos os demais sentidos, não se encontra em uma região específica do corpo, mas em todas as regiões da pele. O texto nos traz a ideia de mãos que tocam com desvario o corpo de outrem, na tentativa alucinada de promover um encontro, inutilmente. O uso de sinestésias tácteis e sensoriais, decorrentes do toque corporal repetitivo, e o uso de aliterações (repetição dos fonemas t, m, s) e assonâncias (repetição das vogais a, ã, e, i, õ) frequentes dão um especial toque de sensualidade e erotismo que confere ao poema um ritmo acelerado, passando-nos a imagem do movimento insistente e ágil das mãos no corpo do outro e, ao mesmo tempo, da ânsia do eu lírico em atingir seu objetivo, em vão. Os adjetivos se unem por hífen a verbos, substantivos e outros adjetivos, num encadeamento de palavras e/ou expressões, o que imprime efeitos de sentido múltiplos que transitam entre o concreto e o abstrato (seio-ansio), entre o amor e o sofrimento (Bipartindo-patético-pasmos), entre o belo e o sinistro (Trágica, nevrálgica pálida-pele), promovendo ambiguidades.

#### CIBERNÉTICA

*Todos os ritmos são um só  
A das rosas balançando ao vento  
Dos motores elétricos  
O dos nervos humanos  
O das dores do mundo  
Das contrações maternas nos partos  
E das picaretas perfurando a terra  
E dos passos rápidos em busca do amor.  
Tudo é mecânico, matemático*

*E tem automação celebrizada  
Tudo é triste, tão triste tal uma dor violenta  
estilizada.*

[...]

*(Máquinas e lírios, 1971, p.39)*

Núbia, como todo homem do século XX, estampa em seu poema *Cibernética* o estado de inquietude frente a “automação celebrizada” do nosso tempo, a ponto de os ritmos dos motores, das céleres máquinas elétricas, das picaretas se confundirem com os ritmos da natureza ( as rosas



balançando ao vento) e do corpo humano (dos nervos humanos, das contrações maternas no parto). Em tudo a velocidade, a pressa, o “mecânico e o matemático” que inunda toda a vida, a existência humana, inclusive os sentimentos (as “dores do mundo”, os “passos rápidos em busca do amor”). Na segunda metade do século, comemora-se o surgimento da “Cibernética”, da informática, robótica... os ritmos se aceleram e são festejados, celebrizados pelos humanos. Para o poeta, resta-lhe a tristeza, a violenta dor que se estiliza no poema.

*ANTICOMPUTADOR*

*Chega-te a mim  
Foge do desatino eletrônico  
Não tenho braços biônicos  
Nem sou metralhadora estridente  
Nem aço aninha-se em meus dentes  
Não tenho asséptico odor de hortelã.*

*(Verde Outono, 1983a)*

No poema acima, a reação da poeta ao avanço da tecnologia é a fuga do “desatino eletrônico” a que os homens se submetem docilmente, celebrando os tempos modernos. Em sua poesia, Núbia propõe a resistência a esse delírio através de um grito de amor, um apelo ao(s) outro(s) à aproximação, à união: “Chega-te a mim” E resiste firmemente a transformar-se em um simples objeto mecânico, por meio da reiterada negação: “*Não tenho braços biônicos/ Nem sou metralhadora estridente/ Nem aço aninha-se em meus dentes/ Não tenho asséptico odor de hortelã*”

## **Núbia e a prosa**

Segundo Melnikoff (2010), nas décadas de 1970 e 1980, as mulheres buscavam proeminência nos campos cultural e social por meio da palavra oral e escrita. Algumas ingressaram no jornalismo e escreveram para colunas de jornais e revistas, procurando verbalizar, em seus discursos, suas ideias corroborando, em especial, para a defesa do universo feminino, por isso, não raras vezes, os temas debatidos se voltavam à mulher e sua condição social.

Núbia Marques, também marcada pelas conquistas femininas da época, usou com mestria a palavra escrita, denunciando as mazelas que



envolviam o universo feminino, uma vez que muitas mulheres ainda eram renegadas e excluídas do convívio social entre os homens. Em seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras, proferido em 17 de março de 1978, a autora expressa seu pensamento acerca do papel da mulher na época presente:

Não resta dúvida que o papel da mulher nos dias que correm tem-se modificado e, paulatinamente, infiltra-se em todos os setores da atividade humana. E isto ocorre não é porque ideologicamente os homens, soberanos da terra, tenham mudado conceitualmente sobre a capacidade e competência da mulher para o desempenho social, mas exatamente porque o sistema capitalista, que se mantém basicamente no lucro e na competição de mercado, para fazer frente a tal particularidade do sistema, precisa de mão-de-obra barata. As mulheres e os menores constituem o maior contingente desta (MARQUES, 1978, p. 15)

Em suas lúcidas palavras, Núbia mostra o quanto o sistema capitalista foi determinante para a mudança do papel feminino na sociedade sergipana. A partir de sua implantação, a mulher passou a infiltrar-se em diversas atividades, antes reservadas exclusivamente aos homens, em decorrência da concreta necessidade econômica e mercadológica, por ser uma mão de obra de menor custeio, além do fato de o homem, por si só, não dar conta de todas as necessidades financeiras do lar. Tanto as mulheres de condições sociais menos favorecidas, quanto os filhos menores, também aqui em Sergipe, eram aproveitados no trabalho de fábricas de tecido, no início do século XX.

Na prosa, Núbia Marques nos dá mostras de toda sua envergadura como escritora, uma vez que atuou em diferentes campos: foi jornalista, ensaísta, e ficcionista de mão cheia, escrevendo romances, crônicas e contos. Aqui nos ateremos a comentar alguns aspectos de sua obra, referentes a ensaios e ao romance.

Como ensaísta, produziu diversos trabalhos voltados à cultura e à educação, duas áreas em que teve ampla atuação, uma vez que foi professora, Diretora do Patrimônio Artístico e Histórico de Sergipe (DCPH-SE), Secretária da Cultura, Presidente da Comissão Sergipana de Folclore, entre outras. Em consequência, publicou ensaios voltados ao folclore: *Aspectos do Folclore em Sergipe* (1996); e à vida literária do estado:



*Caminhos & Atalhos*, Álbum Histórico da vida literária sergipana (1997), além de organizar antologias de contistas e poetas sergipanos: *Contos e contistas sergipanos* (1979) e *Panorama da poesia em Sergipe* (1961c).

Em *Hegemonia Cultural na escola* (1987), partiu da construção de um anteprojeto em que fez um levantamento de dados junto aos estudantes com a finalidade de sondar se conheciam ou não aspectos da cultura local. Diante do impacto provocado pelos resultados da pesquisa, o anteprojeto foi transformado “numa pesquisa mais ampla e mais complexa com a finalidade de sensibilizar os setores institucionais responsáveis pela educação em Sergipe” para o problema detectado. Vejamos uma das considerações a que Núbia nos chega em seu ensaio:

Diante do exposto, podemos admitir que a hegemonia cultural tem sido o instrumento do que se valem os povos tidos e acreditados como “cultos” para submeterem ou docilizarem os menos “cultos”, pautando-lhes toda concepção de vida, seja a partir da simples visão do mundo, ao mais intencional estilo de consumo. Por isto, têm na sua cultura (conhecimento transmitido na escola) a forma explícita de dependência econômica, política e cultural. (MARQUES,1987, p.23)

Em *João Ribeiro sempre* (1993b), fala sobre o pensamento de João Ribeiro, sergipano ilustre, possuidor de larga cultura humanística, jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor, tradutor etc. Segundo Núbia, este ensaio constituiu um desafio: “Prevalecemo-nos de nossa intuição poética e demos larga ao que havia de mais sergipano e de mais interessante, pois todos têm curiosidade sobre um de seus mitos. Tentamos tornar o mito conversável, palpável, perto de nós.” E foi justamente isto que ela fez, trouxe o pensamento de João Ribeiro, enfatizando seu ecletismo, sua erudição, sua visão de mundo, seu gosto pelas artes, enfim, o homem como era visto e admirado por todos (brasileiros ou sergipanos) e, por último, um autorretrato.

O livro *O luso, o lúdico e o perene e outros ensaios* (1999), publicado aos 500 anos do descobrimento do Brasil, trata de um estudo comparativo entre os folclores brasileiro e português, no qual a autora ressalta com detalhes a contribuição lusitana ao nosso folclore, evocando Portugal como nossa matriz cultural expressiva. Citamos a seguir as palavras da própria Núbia ao lançá-lo: “A lúdica folclórica foi estudada aqui e em



Portugal, tendo como fio condutor a tentativa de explicar a perenidade ancestral, caráter do folclore e do mundo mágico presente em nosso cotidiano.” (MARQUES, 1999, p. 20)

Núbia estreia na literatura com o seu livro de crônicas urbanas *Sinuosas de carne e osso* (1961b), que conquistou o prêmio João Ribeiro, concurso realizado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Em relação ao romance, Núbia Marques, na trilogia *Berço de Angústias* (1967), *Passo de Estefânia* (1980) e *O sonho e a sina* (1992) “cristaliza e esgota a vivência da mulher na sociedade do século XX, seja de Sergipe, seja do Brasil” (LIMA, 1978),

Em *Berço de Angústia*, temos como personagem central Cíntia, esposa e mãe, essencialmente do lar, fruto de uma sociedade eurocêntrica e patriarcal que enclausurava a mulher dentre quatro paredes da casa, limitando-se a monólogos e ao sacrifício interior. Tornava-se legítima escrava e não ‘rainha do lar’ como era designada. Cíntia é prisioneira de sua solidão, envolvida com seus problemas, ansiedades e frustrações. Vive ela a retrospectiva da infância, a educação opressora e a destruição do seu ego feminino, sem espaço para a realização de seus sonhos de adolescência e juventude. Torna-se sombra dispersa do homem, sempre dependente de seu companheiro, vítima inconsciente desse estado de coisas. Melnikoff (2010), ao referir-se à obra em prosa de Núbia Marques, faz a seguinte afirmação:

Em seus romances, aponta a mulher como sombra do homem, retrato da educação patriarcal, como autêntica escrava do lar, e não a rainha do lar, conforme. A história que Núbia relatou em seu romance é um retrato da história da mulher brasileira, marcada por estigmas de fragilidade e desprovida de inteligência, sempre à sombra do homem: o pai e, depois, o marido (MELNIKOFF, 2010).

Em *Passo de Estefânia*, lançada em 1980, pela Editora Achiamé, surge a mulher em sua plenitude, adulta, emancipada, exercendo uma profissão liberal. como assistente social. Estefânia viveu em Aracaju (SE) no período da Ditadura militar, era funcionária pública do Estado que atendia, como assistente social, em postos de bairros periféricos, a uma população menos favorecida economicamente e, portanto, carente de cuidados básicos, relacionados não só à alimentação, moradia, mas e sobretudo, à



educação, saúde e assistência social. Inconformada com a situação dessa população pobre e esquecida pelos poderes públicos, Estefânia não se acomoda, ao contrário, denuncia as atrocidades de um sistema que, além de não se voltar para os graves problemas sociais, não atende aos mínimos anseios da população. Faz então, críticas acirradas ao descaso de políticos, burocratas, médicos, magistrados e policiais militares e destaca as injustiças do período histórico vivido por ela, desde a implantação do golpe militar em 1964. Em consequência é presa, torturada, subjugada, mas não capitula nunca. É uma mulher decidida, que luta por suas ideias, seus direitos e não se submete à opressão.

No romance *O Sonho e a Sina* (1992), Anastácia, personagem principal do romance, já é aposentada, velha e decrépita e, ao ritmo da sua cadeira de balanço, traz suas lembranças, narrando acontecimentos passados e presentes, tanto recorda os sonhos acalentados em relação à família, à realização pessoal e profissional como mulher e docente, como fala sobre a sina que carrega por não ter concretizado seus sonhos de juventude. A cadeira de balanço tem uma analogia efetiva com o tempo da narrativa: relaciona-se tanto ao presente, uma vez que representa o espaço a que foi reduzida, quanto com o passado, ao trazer-lhe à recordação as lembranças, amarguras e sentimentos vividos. Anastácia se desengana ante o tratamento que a sociedade dá aos velhos e aposentados. No livro, a autora estratifica o último ato da tragédia, ou seja, a decrepitude constrangedora, os naturais achaques da velhice, a desilusão com o mundo, com as pessoas. E assim se completa sua trilogia de romances femininos.

Jackson da Silva Lima, em seu discurso de apresentação da autora à Academia de Letras Sergipana, com muito propriedade, profere:

Núbia realizou, no romance, uma obra maior, forte, cruel, de declarada insurgência cultural, pondo diante dos leitores, um espelho brutal, mas sincero, onde nos miramos, homens e mulheres, com todos os nossos aleijões, e vemos refletidas as mazelas mais íntimas, companheiras do dia a dia (1978).

## Considerações finais

Núbia Marques sempre buscou expressar, em seus textos ensaísticos e/ou literários, as questões do seu tempo, não apenas as que



giravam em torno de si, mas em torno do universo feminino e dos seres humanos carentes e desamparados, abraçando da escrita como instrumento de comprometimento social. Em seus romances, reverbera a sensibilidade em relação às angústias e desventuras por que passavam as mulheres que, ainda em pleno no século XX, permaneciam, em grande parte, subordinadas ao domínio masculino. Fazer uma análise cuidadosa das obras da escritora requer transportar-se para o tempo em que ela escreveu, considerar aspectos socio-históricos e políticos do momento em que viveu e colocar-se na condição das pessoas que viviam naquela época.

Por meio deste artigo, ressaltamos não somente a trajetória da escritora Núbia Marques no campo artístico-literário de seu tempo, mas suas ideias acerca da cultura e educação em Sergipe, difundindo práticas pedagógicas inovadoras e engendrando ações voltadas para a valorização do folclore e das tradições de sua terra natal. Aproximamo-nos, também, do ser humano admirável e ímpar que se revelou através de sua vida e obra; da mulher dinâmica, sonhadora e comprometida com seus ideais libertários; da mãe diligente e devotada; da amante ardente e apaixonada. Em síntese, Núbia Marques foi uma mulher de seu tempo, mas que enxergava muito além, tinha em si a centelha da vida e da imortalidade. Cumpre-nos, como mulheres e contemporâneas de um breve convívio, já nos finais do século XX, resgatar sua história de vida e sua obra para conhecimento da atual e das futuras gerações.

## Referências

GENS, R. Fantasia e formação ética na ficção para crianças e jovens de Alina Paim. In: CARDOSO, A. L. **Alina Paim: resgate de uma narrativa poética**. Aracaju: ArtNer Comunicação.2017.

LIMA, J. da S. **Discurso de apresentação de Núbia Marques**. Academia Sergipana de Letras (1978).

HORTAS, M.(org.) de L. **Palavra de Mulher**. Rio de Janeiro: Ed. Fontana, 1979.

MARQUES, N. N. **Um ponto e Duas Divergentes**. Aracaju: Ed. Livraria Regina Ltda, 1959.

\_\_\_\_\_. **João Ribeiro, O Poeta**. Aracaju: Ed. da Secretaria da Educação, Cultura e Saúde, 1960.



- \_\_\_\_\_. **Dimensões Poéticas**. Aracaju: Ed. Livraria Regina Ltda, 1961a.
- \_\_\_\_\_. **Sinuosas de carne e osso**. Crônicas. Aracaju: Ed. Livraria Regina Ltda.,1961b.
- \_\_\_\_\_. **Panorama da poesia em Sergipe**. Clube sergipano de poesia. 1961c.
- \_\_\_\_\_. **Berço de Angústia**. São Paulo: Ed. Gráfica Tietê. 1967.
- \_\_\_\_\_. **Máquinas e Lírios**. Aracaju: Ed. Labor, 1971
- \_\_\_\_\_. **Geometria do Abandono**. São Paulo: Editora do Escritor, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Contos e contistas sergipanos**. Aracaju: Ed. Subsecretaria da cultura e Arte, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O Passo de Estefânia**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1980
- \_\_\_\_\_. **Discurso de posse da cadeira 34 na Academia Sergipana de Letras**, Academia Sergipana de Letras, 1982.
- \_\_\_\_\_. MORAIS, G.; FONTES, C. **Verde outono**. Aracaju: Editora J. Andrade, 1983a.
- \_\_\_\_\_. **Hegemonia cultural na escola**, Monografia. Aracaju-SE, Ed. FUNDESC, SEEC.1987.
- \_\_\_\_\_. **O Sonho e a Sina**. Romance. Manaus: Ed. Umberto Calderano Ltda., 1992
- \_\_\_\_\_. **Aspectos do Folclore em Sergipe**. Prefeitura Municipal de Aracaju. Academia Sergipana de Letras (1996);
- \_\_\_\_\_. **Caminhos & Atalhos**, Álbum Histórico da vida literária sergipana. Habitacional Construções. SEGRASE. (1997).
- \_\_\_\_\_. **Mulheres x Cultura de subsistência**. Universidade Federal de Sergipe, 1983b.
- MELNIKOFF, E. A. A. **Trajetória de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a Educação em Sergipe (1978-1999)**. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe//PPGED/UFS, São Cristóvão/SE, 2010.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2001.

